




TRI CI CLO

arte móvel para passeio

ANDRÉ AMAHRO

2ª edição





“Todas as coisas
têm o seu mistério,
e a poesia é o mistério
de todas as coisas.”

Federico García Lorca



Apresentação 6

Literatura 21

Fotografia 141

Música 167


Trifácios 189

APRESENTAÇÃO

LUCIANA BARRETO

TRICICLO: O FARNEL DA BELEZA E DA GRAVIDADE


Do mesmo modo como *transgressão* e *travessia* guardam raiz comum, derivando do radical etimológico “trans” (= atravessar), *desejo* e *desvio* igualmente deslizam juntas, imantando de força, ternura e urgência o chamamento inapelável da vida. Pois a partir dos supostos frescor e leveza sugeridos no convite de André Amahro em seu *triciclo, arte móvel para passeio*, uma pontual advertência quanto a uma armadilha autoral: o leitor/espectador/passageiro atento não escapará incólume – afinal, toda e qualquer paisagem se faz passagem e iniciação a espíritos afeitos a desvelamentos de si, a ancoragens do Outro, a imersões no mundo. E a arte em nós opera tal como espelho dos mais infalíveis, implicando-nos em nossas subjetividades, abrindo-nos à experiência esplêndida.




Sabidamente, um autor maduro dispõe de consciência estética, de apuro formal. E é desse modo que Amahro desenhou o seu projeto artístico, equilibrada e cuidadosamente assentado na potência ancestral do número *três*. E o passeio do triciclo nos conduz a três estações: literatura – fotografia – música. A cada parada, mais nos demoramos, tomados por uma espécie de vertigem frente a incitamentos existenciais, desconcertos imagético-sinestésicos, voos-encantamentos melódicos. Pela simbologia numérica, universalmente, o *três* exprime uma ordem intelectual e espiritual, tanto no cosmos quanto no homem – não à toa, configura esquemas métricos em obras notáveis, a exemplo dos cantos dispostos em epopeias gregas e nos poemas épicos, como *A Divina Comédia* em sua arquitetura trinária e *terzas rimas*, evocando a filiação com os mistérios da Trindade e a aritmética antiga, preponderante, por sua vez, até a Idade Média. Para Pitágoras, configura o número perfeito, justamente por reunir começo, meio e fim e, portanto, síntese e unidade – daí o triângulo equilátero encampar a harmonia, a proporção e, nesse sentido, a própria divindade.

ESTAÇÃO LITERATURA


Ao optar por essa espécie de rebatimento da geografia sagrada em seu apelo místico e transcendente, Amahro reencena o que chama de “existência errática e provisória”, mas sem declinar da desalentada máxima contemporânea de que é o *ato de buscar*




o que filia os seus três personagens – Zanguetso, Apollinaire e Simplício – à controvertida e falha condição do homem moderno, em um porvir incerto, porém, regido pela insistência no horizonte do amor e da indagação-aporia que funda a filosofia: a que viemos?




Para além das tramas bem urdidas em *Bonsai e o sentido da vida*, *Apollinaire e a vastidão da vida* e *Simplício e a matemática da vida*, circunscritas aos *leitmotifs* ancorados no vasto e intricado campo existencial – o sentido da vida seja por meio do amor seja por ‘convocações’ de ordem maior (o ser/estar no mundo ante a angústia da finitude, o imperativo de uma inscrição singular, a busca obsedante por conhecimento e autoconhecimento, as urgências do corpo e do espírito), o *tour de force* de seu tríptico –, Amahro ainda modernamente subverte o gênero, cujas narrações (em off) e vozes narrativas (falas dos personagens) nos conduzem para cenas teatrais, passíveis não apenas de montagem, mas de visualização dramática por parte de nós, espectadores – seja pelo compasso rítmico dos diálogos quanto pelo apelo imagético das cenas, engendradas linearmente segundo a jornada existencial de cada protagonista.




Bonsai | Em um breve sobrevoo, vale adiantar que parte das chaves constam nos próprios títulos de seus contos dramatúrgicos. Em *Bonsai e o sentido da vida*, a árvore miniaturizada enseja condensação e enraizamento. Como uma espécie de moldura




narrativa, um breve solilóquio mostra a que veio o protagonista ao deslindar a sua “existência errática”, abrindo-nos, como uma clareira, a sua alma andarilha, o seu estupor diante dos Mistérios do mundo. E a caudalosite impressa tanto na narração quanto na dicção de Zanguetso – adjetivos seriados, expansões sensoriais e evocações sinestésicas – modula o seu pensamento espiralado em torno da Verdade, do Bem, do Belo; do trabalho, da arte, do amor.




Em meio a essa espécie de empuxo, entre cenas delirantes e de caráter apocalíptico-revelador, emergem o seu mestre-monge lkedhawa, a perseguida e adorada Dulcineia (a musa impossível de Quixote, um de seus tantos moinhos de vento) e a figura quase oracular e visionária do trompetista cego – a partir dos quais o pequeno Bonsai febrilmente assume o próprio termo da busca como seu farol e horizonte. Nada se alcança a não ser a certeza de que o abismo, o mar e o amor afastarão sempre as suas margens: “Nenhum sinal de flor. Nada. Nada”. Na primeira parte do tríptico, uma nota especial para as tradições orientais e do cerrado brasileiro, que se fusionam no imaginário de Zanguetso, e para os seus poemas-pensamentos, que beiram a visualidade e a concisão japonesas – as próprias essência e medula a que se referia Ezra Pound no ABC da Poesia.




Apollinaire | De modo amarrado, como o arrastar mesmo de uma espiral, o próximo protagonista assume a cena: Apollinaire.




Marcadamente, termina o primeiro ato. Em oposição frontal ao angustiado Bonsai, é sob o signo irrequieto da velocidade e da potência que ele se apresenta: um ator aventureiro, viril e vaidoso prestes a entrar no palco. Ainda em contraposição ao campo simbólico-semântico no qual patina Zanguetso – raízes, funduras, terra, húmus (húmus e humildade, a mesma matriz etimológica), busca por silêncio e entendimento – avultam ruidosamente o cavalo, o carro, a guitarra e, junto, a urgência, a fome, o excesso: as espinhas purulentas explodindo sucessivas no dia da sua estreia teatral: “A fúria de uma juventude monstruosa”, além da volúpia impensada do sexo.





Metade humano, metade equino, Apollinaire se aproxima da figura do centauro que o rege astrologicamente. Prosseguindo no universo oracular, abre as suas predições, no proscênio, para a plateia a partir de um baralho de tarot – e é justamente a carta do Louco que principia o jogo cênico, símbolo da jornada iniciática. Tanto a plateia se deixa envolver por sua fala vigorosa quanto nós, os leitores/espectadores somos surpreendidos por um incêndio súbito. Não apenas a cena teatral é suspensa como a estória assume radicalmente outro curso, mérito do autor ao incorrer no moderno princípio compositivo do *mise-en-abyme*, em que um jogo de espelhos passa a engenhosamente confundir, em um feixe refratário de narrativas, encenação (cênica), projeção (ilusória) e realidade (factual). Outra duplicidade assoma: Dulcinea também desliza do primeiro conto/ato para este segundo, aqui






se apresentando, porém, de modo mais concreto/corpóreo, sua colega de coxia, de “boca selada com um vermelho intenso”. Nesse dúplice mesmo-Outro, repete a rota de fuga, escapando do protagonista, assim como de Bonsai, legando ao ator estupefato abandono, inconformismo.


Ao modo do primeiro conto-peça, a chave também se inscreve no título, que traz o nome do protagonista: Apollinaire, do movimento estético surrealista, corrente esotérica-espiritualista que valorizou a prodigalidade onírica e imaginativa como magma espontâneo da arte, visando libertar o homem do utilitarismo burguês e reificador. Na linguagem torrencial e na imagística dessa segunda parte do tríptico ficcional, Amahro também fez proveito, por meio da menção à cabala, à astrologia, ao tarot, a Shiva, dos apelos místicos e cabalísticos que mobilizaram a mirada surrealista do mundo.




É nesse universo, em que tudo é possível, após o seu melancólico aniversário, imagens ‘absurdas’, ou destoantes da realidade factível, comparecem quando Apollinaire regressa, junto de dois “jovens fornicadores”, em um triciclo ao teatro em ruínas: um coração-cristal, danças sufis, o cavalo branco de outrora. Nesse momento, outro gênero, em uma guinada cênica segundo um brinquedo caleidoscópico (“mandalas sobre um piso de espelhos”), irrompe: o cinema (“Aqui poderia começar o filme de Apollinaire. Câmera íntima. *Travelling* lento em direção a seu rosto”). Armadilha infernal




reencenando o infinito de espelhos e mandalas, em “círculos cambiantes”. Mas, em sua missão de “caminhante errático”, de “dândi imaginário”, fura o portal e adentra, em seu percurso abismal, outro espaço-tempo, desaparecendo na “vastidão da vida”. Restam, de modo projetivo, na cena, as baratas, sobreviventes únicas de devastações e hecatombes.




Simplício | Por fim, o triciclo amahriano invade o último território cênico do tríptico ficcional-dramatúrgico. Ainda sob a regência geométrica da espiral, o giro narrativo arrasta para *Simplício, a matemática da vida* tanto o portal ao qual Apollinaire adentrou quanto Dulcineia, a personificação do amor, a redenção (im) possível. Também se fazem caleidoscópicas a linguagem e a montagem cênica: estilhaços de espelhos que se (re)combinam em possibilidades desdobráveis, em equações aritméticas múltiplas – daí a figura-chave agora ser um físico ainda nomeado como Simplício, aquele se apresenta como súplica de contrários. E nesse arco de convergências comparecem as mesmas questões circulando a solidão, o desamparo, a angústia existencial. Acresce-se um “olhar inconformado ante a matemática desumana desse mundo desigual”.




O fogo que a tudo destrói e devora, mas também transforma e transmuta, constitui outro elemento a unir os três destinos dos heróis amahrianos. Simplício, como filho de minerador, aprendeu a fabricar explosivos. Em suas mãos e planos, a vingança se erige



como ferramenta legítima perante a sua “infância de danação”, do “olhar da mãe ante a privação diária de fartura”. Romper o casco dos milionários, explodindo “os czares modernos” em alto-mar, justamente em uma festa de ano-novo, desenha-se, para ele, como regozijo inigualável, como reparação pessoal e histórica.



O genial, porém, dessa última gare narrativa é a falha que se anuncia inelutável, a imprevisibilidade que muda o rumo de tudo, a confirmação de que a matemática não é absoluta tampouco infalível. Após miragens de contorno onírico-surrealista-lisérgico, a própria percepção do físico se altera, aproximando-se de especulações filosóficas e cosmogônicas quanto à origem da vida, à geometria sagrada traçada nas plantas, ao micro refratando o macro. Pois ao ouvir acerca da substância alucinógena contida em flores de algodão e ingerida pelas cabras montanhesas, acabou perdendo o seu alvo, e, assim, os milionários escaparam do intento explosivo. Vale sublinhar que o signo agora reencenado é o de Capricórnio, cujo símbolo é justamente a cabra.



Não mais cifras, esfinges, espelhos, a busca alcança o seu termo, e os voos-passos-mergulhos encontram repouso e alento: somando-se à distração contemplativa, o desgoverno prossegue sublime, devendo-se especialmente à Poesia, livro do caleidoscópico Fernando Pessoa, recapturado em alto-mar, e ao Amor, em seu halo primevo e redentor, conduzido por uma irresistível e nativa Vênus.




ESTAÇÃO FOTOGRAFIA

Em meio ao que chamou de **Trios**, **Trípticos** e **Triplos**, o artista edifica, no centro do itinerário amahriano, a sua poética da fotografia, em uma segunda paragem, exigindo, de nossa parte, especial vagar. Outro ritmo se impõe a nós, passeadores: não mais a velocidade ditada por seus personagens febris, dirigidos pelo signo da busca e da urgência, mas o momento de suspensão – contemplação essa que não permite exatamente pouso ou repouso, mas tão somente imersão em uma a uma das imagens acuradamente gestadas.

Em Trios, o *três* como elemento compositivo está engastado em cada fotograma, dada a habilidade extraordinária de Amahro em singularizar os seus próprios quadros segundo o primado clássico da fotografia: a regra áurea, a sequência-espiral de Leonardo Fibonacci, ou seja, o chamado retângulo de ouro, o qual evoca a proporção divina observada na própria natureza e re(a)presentada pelo homem no equilíbrio das formas e dos volumes.


Nesta seção impecável, em sua perspectiva, o humano e o inanimado alinham-se, praticamente se igualam como corpos símiles: três motos dispensam os motoristas ao lançarem elas mesmas o seu olhar para o imensurável do mar; três canoas vazias mantêm, porém, o vestígio do abandono; três pneus parecem dissimular






os seus donos, pois diminuídos pelas rudes boias pretas; três estranhos sólidos harmonizam-se com o descampado e o céu; três cadeiras antigas sugerem memórias ruinosas; três pessoas em contraluz, ao seguirem um traçado mecânico na areia, reduzem-se a pontos em fuga.

Já em Triplos, o rasgo vanguardista, a técnica ilusionista, o fusionamento de imagens em nós gerando aquele desconcerto que experienciamos diante do surrealismo e da arte de junção de figuras e contextos díspares – daí a sensação perturbadora, o insólito que emerge a cada mirada, interferindo no senso comum, deslocando-nos – forçosamente – a vales (des)conhecidos e, por vezes, a embaraçosas reminiscências.



Em suas monocêntricas narrativas, cabem a cada contemplador as suas leituras. Eis as minhas, que certamente irão se deslocar feito miragens no deserto: o salto triplo do rapaz desce de um piso invernal e inverte o céu em queda-mar-abismo; dois pombos impávidos assistem, indiferentes, a um homem-barco na areia-horizonte; três praianos em perspectiva em meio a uma inusitada moldura – orixá-futurista e balão da Capadócia; pastora com muleta em riste, ovelhas e igreja em um campo desertado e tensionado por criança fugindo; um busto verticalizado espiando de soslaio um cão cujo olhar não se sabe, na imagem um poste fincado na areia, deslocado de seu cenário habitual – cena a evocar o pintor De Chirico e a sua máxima:




“E o que hei de amar senão o enigma?”. Por fim, a la René Magritte, o autorretrato do artista: o rosto lívido e pétreo se agiganta, desprende-se do solo, suspende a rocha-cérebro e uma moto-casal segue a curva-estrada.


Terceira parte do segundo ponto de nossa visitação: Trípticos. Aqui se reúnem o escritor e o fotógrafo, na composição de retábulos ficcionais, no exercício de refratar imagens a partir de uma única (e desdobrável) cena. Das imagens-macro, captadas por suas lentes, Amahro constitui uma espécie de *HQ*, propondo-nos três estórias, microenredos subsequentes do corte zoom do episódio central. Como minicurtas, uma sequência, um filme em três fotogramas. E o olhar *voyeur* de Amahro, ao elegantemente perfurar a privacidade, conflui com o nosso clamor-fetiche na observação segura, e tacitamente em segredo, de nossa parte: o fascínio pela moça da janela; o topless discreto da mulher; a senhora em situação de mendicância, e de rosto coberto, a qual parece testar (e confirmar) a nossa triste impotência diante da indignidade social mais excruciante.

ESTAÇÃO DA MÚSICA


Como princípio e fim, foz e confluência, as tríades numéricas amahrianas perfazem-se nas esperadas unidade e harmonia ao aportamos, nesta encantatória arte móvel do passeio, na estação musical. Neste circuito de acordes e poesia, por ora,




desfazem-se a dissonância e o estranhamento constantes nas encenações dramáticas e imagéticas. Enlevados, pois, desfranzimos o cenho, apoiando-nos em uma atmosfera quase idílica a alternar suavidade e densidade, modulada pelo apelo sonoro da via *mater* da navegação: as águas – ora tranquilas, estáveis, ora revoltas, tensas.



É chegado o momento de estacionarmos o triciclo e cerrarmos os olhos, deixando-nos invadir pela massa sonora, pela melodia desenhada por cordas (violão, violino, violoncelo, baixos acústico e elétrico, guitarra), por teclas percussivas (piano, acordeão) – cujos arranjos e execuções, somados à maestria das letras, valorizam a um só tempo a inventividade moderna e a sofisticação de acento clássico de André Amahro, acompanhado de seus magistras parceiros artísticos, com especial destaque a Fernanda Cabral, também admirável compositora, arranjadora e intérprete.




Ainda sob a supremacia simbólica da tríade, uma abertura e três movimentos compõem a paisagem sonora, que se faz empuxo aos viajantes que se permitem submergir em uma escuta transformadora: de *Madrid*, em **Canção do Vento**, a única faixa estritamente instrumental, na qual se fusionam as musicalidades mouro-ibéricas às da África ancestral, passamos ao desdobramento do três, o triplo ternário: nove músicas, dispostas simetricamente nas **Canções da Lua**, **Canções a dois**, **Canções do vão** – escaladas poéticas em que as forças da natureza – até mesmo




segundo a personificação numinosa encampada pelos orixás – e os movimentos dos ventos, das rezas das marés clamam simples e absolutamente pelo cafuné, pelo coração encostado no peito, pelo desassossego amoroso – farol e horizonte do homem – nunca em vão, enfim: “Não me deixe nessa escuridão/Não saia/Não caia/Nesse vão”.


Do vento ao caos, transcorrem as suas canções, e assim nos lembra o poeta: “Todo canto tem um coração”. E indaga: “O que virá depois?”. A despeito, contudo, do porvir apocalíptico – “a terra espalhando o pó vermelho sobre a multidão” –, abraça-se ao amor e à amada: “Eu vou atravessar o caos contigo/Eu vou levar o nosso amor comigo”.





Não é em vão *Caos* ser justamente o poema-canção a findar o *triciclo: arte móvel do passeio*. Nas cosmogonias, *kháos* precede o cosmos, é o incalculável vazio-abismo, em suas águas profundíssimas, que potencializa a criação – afinal, do caos nasce o universo, o triunfo da linguagem, a ordenação dos seres e das coisas.



Entre desalentos e sonhos, sustos e saltos, quedas e alturas, na sua condição de criador-ordenador de mundos, André Amahro se alinha ao que Jean-Paul Sartre já nos aponta exemplarmente: não contemplarmos o real e o que nos circunda “com olhos futuros, o que seria a maneira certa de matá-lo, mas com os nossos



olhos de carne, com os nossos verdadeiros olhos percíveis”. O nosso artista em seu triciclo igualmente nos ensina a “viver na delicadeza das coisas”, mas sem perder o assombro do olhar, o espanto diante de tudo que nos precede e nos ultrapassa, sob a certeza de que tão somente o *dizer-pintar-cantar* pode, tremulamente, aliviar, e talvez, adiar – com beleza e gravidade – o temido (e definitivo) fim.



Luciana Barreto é poeta, jornalista, ensaísta e professora de Teoria Literária e Literatura na Universidade de Brasília, com Mestrado e Doutorado pela mesma instituição. Vem participando de congressos e publicando ensaios em periódicos e livros acadêmicos, bem como resenhas literárias e críticas de cinema e de teatro. Tem poemas em revistas, jornais e blogs literários, como Mallarmagens, Gueto, Germina, Ruído Manifesto, Traços, Bric a Brac, Escrita Droide e Correio Brasileiro, além de integrar determinadas antologias, a exemplo de *As mulheres poetas na literatura brasileira* (Arribaça Editora), *Quando os peixes voam* (Lumme Editor) e *Personas autorais* (siglaviva). Organizou a coletânea *No meio do fim do mundo – 89 poetas hoje* (Editora Elã), em 2021. O seu livro-solo *Nunca é casto o fio do poema* está em fase final de edição.

LITERATURA






OUÇA A VERSÃO
EM ÁUDIO AQUI




1




BONSAI E O SENTIDO DA VIDA




— Todos os dias espero que a luz crepuscular me traga uma mensagem dos céus explicando a minha existência errática e provisória neste planeta. Anteontem não veio, ontem tampouco. Talvez chegue no derrame das velas ou no suor das mãos. Na roda dos dançarinos sufis ou na rede dos pescadores que atravessam a madrugada no silêncio das marés. Alguma verdade há de vir sob a dança perfumada dos ventres, sob a fumaça derradeira das tribos.



— Hoje o céu está mais verde, parece honrar o meu direito de viver em paz. Mas segue misterioso e, nessa inquietude, me perco em pensamentos mudos, disfarço o chumbo da minha esperança e desvio meu olhar pesado para o lado quente do vento.






— Há muita coragem ainda reservada para os próximos dias. Uma coragem moída na nostalgia diária das noites, requentada no fundo do barro em que fui muitas vezes refeito. Enquanto espero, vivo o meu cego deslumbre sobre todas as coisas, acreditando que há fé em cada célula do meu corpo.¹






1 Do poema do autor **O Sentido da Vida** [Menção Particular. Categoria Vídeo-Poema. XXV PRÊMIO INTERNACIONAL DE POESIA NOSSIDE – 2020]

Zanguetso parece um monge das cavernas com a sua cabeça raspada, a barba montanhosa e o seu tamanho minúsculo. Bonsai lhe chamam. Olhou para a rua, a única rua da sua pequena cidade, e começou a caminhar às montanhas.



Não tinha nada no lugar. A calçada por fazer e uma tempestade de espirais por chegar. Caminhou a esmo com a velha lombar ao avesso. Deuses gregos a ostentar cem fios egípcios e ele, no passo da sola manca, em um beco escuro atravessando os seus atalhos com todas as terminações nervosas correspondentes. O que restava estava desencapado, partido, quebrado, diluído num mar de ruídos in-com-pre-en-síveis. Havia no alto, em uma árvore desilhada, apenas um joão-de-barro escondido, acasalado com a sua fêmea. Isso sim estava tão certo quanto a natureza construtora do universo. De resto, tudo era puro escombros esperando a compostagem do tempo. Zanguetso parou, de repente, no instante mais frio da paisagem:


— Para que serve um rio congelado?




Não tardou contemplando. Continuou a caminhar. A passos lentos. Sobre o monolítico corredor de gelo. A cabeça pendurada no ombro e a lombar ainda ao avesso. Caminhava a esmo. Consciente. Por quilômetros acima. A tal existência errática. O mesmo passo. Nem sempre o mesmo. Infinita era. Infinito mantra.

De longe, já andado algumas alturas, avistou um grupo de homens braçais, torácicos, fortes, picando a golpes o gelo do rio. Sucessivos golpes. Cada vez mais fortes, avassaladores, intrépidos, vorazes, obstinados, cegos. Golpes de suor bíblico contra a espessa, pesada e gélida maldição. Queriam o rio de volta. Os peixes de volta. O leito de volta. O direito de navegar. Queriam. De todo jeito. Desesperadamente. Como cães aferrados cavando entredentes a sua caça na terra.


Zanguetso parou diante da cena: um rio congelado e crispado de fúria. Soldados corpulentos numa batalha sangrenta contra a natureza glacial das coisas. E a dura e penosa realidade dos monolíticos banhada numa poça de selvageria.



Parou mais uma vez. De repente. No instante crepuscular daquela imagem reversa. E clamou aos Mistérios do mundo, como fez Marco Antonio aos romanos, diante do túmulo de Júlio Cesar:






— Concidadãos, deuses, humanos, concedei-me atenção! Vim para o sentido da vida entender. O que é mais nobre para uma alma perdida? Meter-me definitivamente na lama ou pouco caso fazer?



(Silêncio. Nenhum ser movente ao redor. Apenas um pequeno desmanche de terra despenhadeiro abaixo. E o som randômico das cascatas.)

Zanguetso sentia com pesar a indiferença do Universo à sua aflição. Cruzou a exaustão daqueles esquimós neandertais e subiu o rio congelado, carregando o seu deserto de incertezas, a cabeça entre as mãos e um séquito de insetos luminosos ao redor.



— Ah, meus amigos, minha desgraça é viver na delicadeza das coisas. Sou um vaso de vidro mirando a ruína. Quadro bizantino sem valor, notícia sem graça. Nasci numa terça, berço de ouro, nada que mereça atenção. Nunca quebrei perna ou braço. Passo por homem comum, qualquer um, sem credo, sem raça. Traço meu caminho nessa delicada desgraça de mim. Casca de pão dormido, o mesmo pão que a minha mão amassa. Meu arremesso é contra mim, nessa quebrância convalesço. E se me trato assim, se me desfaço de toda significância, é porque vivo na delicadeza das coisas, a um passo da ausência e do eterno descanso. Vivo como um laço em festa de inauguração, um corpo rendido ao abismo, descalço, sem fundura ou nó. Vivo só, sem viço, no compasso das traças. Vivo no pó dessa carniça succulenta e vã, no embaraço das moscas, no rodapé da fossa. Amigos, não me verguem assim os seus abraços. Vivo na delicadeza das coisas, e não há nada a fazer com a ossada insepulta dos meus pedaços.

(Longo silêncio.)

Trovão inesperado. O minúsculo Bonsai vai ao arrepio. Dá três passos e olha para cima:

— Tempo
fechado
a céu
aberto

Outro trovão. A tal tempestade de espirais por chegar.
Pânico e louvor:

— *koka, sálvia, muña,*
Livrai-me das alturas.
— *koka, sálvia, muña,*
Livrai-me das tonturas.
Oxiô!!

Outro trovão. Clemência e bondade:

— O amor é o nosso parto

Nosso largo delírio.

O ato, o gozo, a natureza cativa do fato.

Nossa lida, lírio branco na sala.

Mala farta e terna.

Nosso quarto.

O amor é calma e confraria.

Remos e cordames.

Pureza e ovação.

O pai, a mãe.




A noite e o dia.

O pai, a mãe.



A noite e o dia.

O pai, a mãe.


A noite e o dia.



O pai, a mãe.
A noite e o dia.



O pai, a mãe.
A noite e o dia






Ali estava o minúsculo Bonsai, evocando o poder do amor no meio da sua caótica e caudalosa existência. Um cão órfão atado à sensação de nulidade. Trêmulo. *Acojonado*. Trovões. Seguidos trovões. Água por todos os lados. Enchente. Vazante geral.

FADE OUT

(Plano fechado no vai e vem das marés. Muitas luas. Bússolas perdidas. E uma nota de silêncio alagando as terminações nervosas de Bonsai.)

Zanguetso foi encontrado no dia seguinte, ainda chuvoso, deitado no seu altar preferido: o jazigo de Dulcineia: a parte mais luminosa das suas escuridões: aquele exílio redentor que encurta as pontes entre todas as coisas belas. Dulcineia. Exatamente. Como a de Dom Quixote. Talvez a mesma. Mas outra. Uma mulher a quem amou intensamente. E foi embora. Muitas vezes. Nunca mais voltou. Andava pelo mundo livremente, sempre aportando em si. Derreteu-se no calor dos ventos.






Zanguetso ficou no urdimento da saudade. Com os seus olhos chovediços. De joelhos. Tombados. Sem pestanejar. Cada gota guardada na telha daquele amor era um pouco da intenção do ar, do arejar. Centelha guardada no repouso do ninho. Divindade havia ali. Mistério e paixão.

(*Memória de Zanguetso em plano fechado.*)

— Lume da prata, lustre da pérola...
E esse *parpadeo* nos meus olhos
entre teus luzidos seios.
Luzes da rua, vera ribalta,
vozes floream quando em ti passeio.

Algumas vezes, quando sobe ao telhado para ver o mundo ruir, Zanguetso faz uma oração às montanhas, pedindo para ver de novo a sua amada. E, ao deitar-se, deixa a porta da casa aberta, esperando que um dia as montanhas enfim se movam.






P.S. 1 Jazigo é um termo usado por Zanguetso para denominar uma pedra grande no alto da colina de onde viu Dulcineia pela última vez. Debaixo dela acredita estar enterrada – como se enterram as sementes – uma mensagem da sua amada. “– Quando por mim não puder mais a tua saudade, move a pedra e me encontrarás”, teria dito Dulcineia na despedida derradeira.


P.S. 2 Zanguetso guardou os vestígios carnavais desse encontro de amor numa caixa de metal, matéria nunca revelada ao saber alheio.

Depois de muito caminhar, Zanguetso chegou em casa riscando o assoalho da sala. A mala, pesada, não lhe cabia mais: joelhos rezados, pestanas queimadas, mil e um descabelos espalhados pela casa. Deixou as suas olheiras sobre o mármore da pia, decantando o seu vinho escuro, e foi dormir as horas insones numa cama apertada. Já não queria sonhar acordado. Ou vivia nas nuvens ou morria enterrado.


Ao lado esquerdo da cama, Zanguetso pendurou um quadro do seu mestre, o monge lkedhawa. Sabedoria oriental à vista do discípulo para inspirar alteridade. lkedhawa sempre diz que a causa dos grandes males é a escassez de inteligência espiritual. Era o que Zanguetso, no fundo, ainda esperava desfrutar. Um merecimento justo, tendo sido tão devotado à sua própria existência.




Mesmo descrente de tudo e descabido em suas dúvidas, Zanguetso se sentia eternizado por um desejo especial da natureza. Esperava um bônus pela delação da sua própria importância. Contava com cada segundo excedente, uma chance extra, antes do seu último suspiro. Hoje passeia por aí, pela borda desse mal-entendido, com todas as melancolias à flor da pele.



Quando mais jovem, Zanguetso gravou notas sobre o futuro num velho e desbotado pergaminho. Botou ali toda a sua clarividência. Convicções de um visionário místico ou dissonâncias de um pessimista apocalíptico, sabe-se lá.



Ontem mesmo, no calor da agonia, resolveu abrir o fóssil e relembrar os seus garranchos. A mancha amarela derramada na lona e a letra sânscrita em caligrafia difícil não deixaram vislumbre de tinta. Nem sinal de leitura. Tudo era mero rabisco. Mas o cheiro acre - isso não sumiu - estava lá.






Zanguetso acreditava no fim de tudo. O avinagrado futuro era uma questão de tempo. Mal dormia. Vivia o trágico desentender da vida como um fado: todos os dias acordava em lá menor. Saía da escuridão da cama como um sol redondo vermelho no céu do cerrado.

O rosto, no espelho, crego, sem ternura, mostrava as dobras à deriva da pele. A boca em ruína, tensa arquitetura. E o corpo embaçado pela tosta do ar.

(Bruxas de Macbeth, arfando em volta do fogo.)

— Nevoeiro. Fog de amônia.
Edifício em dura queimação.
Clima farpado de ranhuras.
Alma santa demônia.



Zanguetso padecia nessa rasgadura, sem sobras, sem obras a projetar. Tardio, preguiçento, relapso, molengão. À beira da cova escura. Poço. Vão.

Voz interior: — Aqui jaz um minúsculo Bonsai!!!

(Depois dessa morte matinal diária, Zanguetso dá uma estirada em seu corpo de poucas polegadas, emite uns sons cavernosos e começa a levantar da cama. Olha para o retrato de Ikedhawa e abre um sorriso.)

— Sonhei que um ventilador de teto
me soprava a paz na cara
e meus sapatos balançavam o céu.



(Os dois se entreolham e explodem numa gargalhada duradoura. Zanguetso e a foto do seu mestre Ikedhawa. Os dois. Em sucessivas gargalhadas.)

Há uma doçura em Zanguetso que irrompe assim, inesperadamente, como um arco-íris no meio da tempestade. Ele mesmo se surpreende com esse evento aleatório de doçura e simpatia que, ademais, traz a seu entorno uma nova respiração.


(Por esse requinte poético do seu ser, ele caminha em direção à cozinha acreditando ter progredido. A tal inteligência superior.)

Zanguetso toma seu café pausadamente, olhando para uma clareira verde que se estende ao longo do vale. Mora em um quadrado de madeira com dois cômodos, uma lâmpada amarela na sala, um ventilador de teto no quarto, uma pequena olaria no quintal e essa vista deslumbrante. Sempre verde. Abençoado verde. Um verde mergulhado no aprofundamento da vida. Um verde redentor debaixo do próprio nariz. O código revelador da sua existência errática e provisória.

Toma o café pausadamente, coando toda a pesada gravidade do pensamento. A sua cabeça em direção aos mistérios do mundo. *Arrow, arrow, arrow...* até o último gole. Mas nenhuma resposta. Nenhuma explicação para a sua errática e provisória existência na Terra. Nenhuma explicação para a fé existente em todas as células do seu corpo mesmo na total incredulidade da vida. O mundo estava mesmo a ruir. Não havia sequer explicação para aquele dia solar. Até o rio voltara a fluir.






Dulcineia lhe enchia de sentido.
Mas o seu desaparecimento não.



Zanguetso veste uma indumentária rústica e vai visitar mais uma vez o mestre lkedhawa em seu monastério de palha. O monge tampouco tinha claro o sentido da vida, mas tinha todas as convicções sobre a sua desimportância: “— O sentido da vida é aquele que atribuímos a ela”, teria dito, resumindo a conversa. Zanguetso não ficara convencido. Parecia buscar uma explicação além das teorias. Esperava ser surpreendido por uma “descoberta fenomenológica cientificamente comprovada”.

Atravessa a estrada ensimesmado, com o traje da eterna padecência. Na curva, cruza-lhe à frente um agrupamento de jovens atletas militares em treinamento físico, com seus shorts verdes, pernas à mostra, respirações profundas, testosterona matinal. Zanguetso é engolido cegamente por essa massa humana que invade o plano aberto em sentido contrário, entoando o bordão:




— “A cada escalada uma nova emoção. Do alto da montanha dá para ouvir o seu coração.”



Por fim, o pequeno Bonsai reaparece do outro lado chegando ao monastério. Multidão na entrada. Zanguetso mal consegue avistar a porta. Avança um pouco mais sobre a palhoça. A multidão bloqueia a passagem. Na verdade, todos querem passar. Todos querem ver pela última vez o corpo de lkedhawa.

Zanguetso dá dois passos em falso ao entender a situação. E cai em silêncio, procurando ar. Coma emocional. Existência em suspensão por alguns minutos. Outra nota pedal, desta vez rasgando-lhe todo o corpo, do ventre aos tímpanos.


Apenas o rosto de Ikedhawa estava descoberto. Todo o resto envolvido em um lençol de linho branco. Salgado, engomado e banhado no óleo de côco. Um cheiro cítrico, revigorante, saía dos laranjais. E perfumava as minúsculas pétalas brancas que caíam sobre o funeral: um paisagismo espontâneo da Natureza. Toda a cerimônia banhada por um vigoroso e silvestre cheiro de vida.



O corpo de Ikedhawa, embalsamado sobre uma maca de babaçu, desceu o rio numa canoa de canela garuva sob um mantra oriental. A embarcação ia toda enfeitada de cascas de buriti. E logo começou a entrar em combustão. Como uma bola de fogo. Desceu rio abaixo, deixando nas águas um fio de cinzas. Nada mais a fazer. Silêncio em todas as coisas.

Zanguetso chega em casa. Tira a roupa, desabotoando o tempo que ainda lhe enredava. Deita-se na cama e fica olhando o ventilador de teto durante um par de horas. Mudo. Até ouvir a voz de Ikedhawa arrastando-se em direção a seus ouvidos:

— Zanguetso. O que é mais nobre para um homem? A Verdade? O Bem? O Belo? Qual o sentido de estar aqui? O que é a vida afinal? Uma mistura caleidoscópica de pequenas matérias vivas? A natureza pulsante das coisas? O que somos? E para onde vamos com nossa preguiça espiritual? Bilhões de anos evoluindo e aonde chegamos? O que queremos? Naufragar em covas escuras ou saltar sobre os muros e voar sobre os abismos? Qual o princípio redentor da nossa dura existência? O trabalho? A arte? O amor? Você sabe o que é o amor, Zanguetso? *(Pausa.)* Zanguetso!? Zanguetso!?






O pequeno Bonsai acorda de um susto. Vai até o quarto, possuído por uma rara convicção. Abre o armário e saca de lá um picador de gelo.



Ikedhawa, no retrato, ainda a falar: 




— Estou falando de amor no sentido universal da palavra. No sentido da ação universal. Zanguetso! Zanguetso!



O pequeno Bonsai salta o portal da casa e desce a rua possuído por uma saudade cavalgar de Dulcineia. Daquelas guardadas em potes vencidos e recicladas pelo tempo. Desce em passos firmes, decididos, fortes, até o jazigo da amada. E começa a cavar a pedra com uma fúria impiedosa, imitando os bárbaros medievais na cruzada contra o rio congelado. Sucessivos golpes. Cada vez mais fortes, avassaladores, intrépidos, vorazes, obstinados, olímpicos, contra a espessa, pesada e gélida maldição da saudade.

O buraco parece não ter fim. Zanguetso, após horas arqueológicas, começa a converter-se num exemplo de flagelo humano, pendurado por um fio de suor. Uma última marretada e começa um jorrar sem fim. Água por todos os lados. Nova enchente. Vazante geral. Zanguetso abriu um mar no meio da pedra. Mais uma vez, a líquida existência. O seu mundo por fim ruiu. Em dilúvio.

(Breve tumulto interior.)



Uma última nota pedal. O horizonte de Zanguetso começa a turvar-se. Dulcineia e o mar assumem a mesma face. O mesmo sarcasmo. O mesmo rangido de acidez e silêncio. A mesma distância do impossível. Ele só tem um plano: afogar-se de vez. Meter-se nesse duto de ironia para sempre. E vagar por aí com as suas barbatanas inconformes. Navegar. Água abaixo. Entre caminhos submersos. Saltar e mergulhar, até fundir-se com o ponto mais abissal do mar. Sumir.


Zanguetso se viu nesse corpo de golfinho por muitas horas.
O ser mais inteligente das águas em um perturbado balé
de caos e desesperança. Sem amor. Sem respostas. Sem
destino.

(Sobre o jazigo oceânico de Dulcineia.)


— Tuas águas, maré da sereia...
Que sobras de mim
ficarão no desmanche da areia?

Zanguetso amanheceu no quintal de casa, fermentando o barro derramado, refazendo a sua coragem no que restou da enxurrada. Para acalmar as próprias terminações nervosas, outras águas, banho de ervas aliviadoras: aroeira, arruda, alecrim, manjericão, folha de manga, eucalipto, boldo, comigo-ninguém-pode, espada-de-são-jorge, guiné e sal grosso. Incenso para abrir novos caminhos.


Da olaria viu passar por entre os babaçus o seu velho amigo Anis, trompetista que sempre vai à esquina tocar por alguns trocados espontâneos. Ficou cego com o tempo. Às vezes, vai tomar com Zanguetso aquele primeiro café, quando acordam às seis da tarde, em plena luz crepuscular. Trocam poucas palavras. E terminam sentados na escada.



Nesse dia, sentou para contar um sonho a Zanguetso:



— A noite chegou mais cedo. Eclipse raro no céu. De repente, uma nuvem de pó vermelho sobre a multidão! E o mundo rapidamente tomado por chamas titânicas. Não houve tempo de correr. Todos os viventes em cinzas antes mesmo do apagão.



Anis mal acabou de contar e a terra começou a tremer. O quadro de Ikedhawa foi o primeiro a cair. Zanguetso saltou o portal do quarto e tirou do armário a caixa de metal. Abraçou o seu segredo de amor e atravessou o caos com a pressa de salvá-lo. Anis ficou imóvel, orquestrando loucamente o seu trompete contra o fim do mundo. E depois derreteu-se numa gargalhada medonha, horripilante.

Explosão metálica. Uma após a outra. O João-de-Barro com a sua fêmea pelos ares. Nota pedal descontinuada. Progressivamente em alta. Grande confusão até o ensurdecer do último estrondo. Até verter silêncio. O mais absoluto. Silêncio sobre todas as matérias inexistentes. Nenhum sinal de flor. Nada.



Nada.








Nada.



Quando regressou do delírio apocalíptico, Zanguetso moveu os olhos em direção a Anis, que ainda ria do próprio sonho. Abriu a caixa de metal e mostrou ao amigo uma pequena pedra azul-dourada-reluzente. Presente de Dulcineia. Anis examinou o objeto com uma lupa imaginária, mas científica. Viu espantado, no lodo ainda verde das ranhuras, vestígios de matéria alienígena. Olhou para Zanguetso e teve outra explosão de riso: Dulcineia não era desse planeta.



A risada durou o tempo do disparate. Sentaram-se um ao lado do outro e queimaram um cigarro de efeito consolador para celebrar a descoberta. A cada risada, estocavam fumaça no sumidouro do céu. E assim atravessaram a noite. Como se nada importasse. Nada que não fosse seus próprios absurdos. Seus descaminhos. Seus devaneios. A lua ausente sobre o infinito e imprevisível movimento da vida terrestre. Trompete de Anis. Zanguetso cantando. Amizade sem tamanho de amor. Tudo isso parecia um raro clarão no vasto escuro sem estrelas. Muito além do tempo. Muito além da compreensão.

Apollinaire, um jovem ator que passava por ali, conduzia um vistoso triciclo. Ia de lanterna acesa rumo ao teatro. Como um dragão chinês. Serpenteando ao sabor do fogo.




2

A POLLINAIRE E A VASTIDÃO DA VIDA

— O meu coração saiu correndo sobre o cascalho para agradecer a graça concedida. Selou um cavalo branco, abriu o portão da estrada e carregou três sinos e uma catedral até a foz do altar. Desceu com os pés pisados ao som de uma guitarra cigana e ali cantou às águas o seu destino incerto. E a sua alma insana. Como sempre sonhara.

(Fim do primeiro ato. Aplausos. Cai o pano.)

Apollinaire tem no sangue um tanino diferente. Amadeirado.
Um sabor de cedro, de madeira cônica, *sapateos*, touradas
fervorosas, cortinas e aplausos no final. Olé!



Dança conforme o primitivo pulsar das virilhas, sem medo,
sem restrições ou preferências: todos os ritmos, todas as
peles lhe vestem. Tudo nele se acende. Primeiro o fogo.
Depois o ar. O falo, a cabala, a eterna fornalha.




Anda às vezes desgovernado. Outro dia, bateu na primeira curva e caiu dentro de um carro velho, barranco abaixo, com a moça da hamburgueria. Desceu ouvindo o pneu cantar. E viu subir, num olhar derradeiro, toda a fumaça do mundo.

A alma de Apollinaire se mete destemida nessas ondas de areia, penumbras, neblinas que confundem a cor de todas as coisas. Não sabe que dia é hoje. Nem em que planeta habita. E ri disso. A fala muda, o corpo alheio... e um hambúrguer de garantia. Ou um vinho bom. Comidinha bem-feita. Amarelos holandeses explodindo em paredes azuis. Violoncelo, trompete, acordeão. Uma janela com verde em abundância e um beija-flor bicando a rosa. Sexo, filmes e outros altiplanos.




Este é o coração de Apollinaire. Tem aparência normal, clinicamente perfeito. É saudável, apesar de uma arritmia imputada à sede de vida. Anda por aí flanando, recitando poetas malditos e provocando a sustentação dos pilares. Flanando perigosamente. Pelas encostas noturnas. Prometendo o seu sangue aos morcegos. Se a Sorte lhe encontrar vivo, milagre será. Já houve caso em que ficou por um fio, pendurado entre dois edifícios e atravessado por vinte e quatro horas de aflição.

— Se a vida não me der a sorte de continuar, por favor enterrem as cinzas dos meus ossos e chamem as boas almas para um adeus amistoso: não tenho amigos e parentes para compor a cena funeral. Sou um homem só.

Todos os dias caminha em direção a “Paris de Baudelaire”:
diversidade, alternância e a experiência do porvir. O
inesperado. A surpresa. O irreversível caminhar adiante e
uma flecha dionisíaca metida no farnel para atravessar o
futuro precário, o mundo ansiolítico, a matemática do caos.



Ali está ele. Sobre o palco. Entre récitas, entre mundos. Cavo e profundo. Curvado às histórias dos homens. As mais alegres, as mais escuras. Adora ouvir o grito dos pianos alheios, o drama servido a mármore frio, em pedaços, numa bandeja de prata, como uma cabeça santa sangrenta, forjada na fedentina da maldade, na dança simulada de Salomé, na parda majestade dos reis, no sangue coalhado da bÍlis. Ali está ele: na pele dos outros. Tantos outros a quem empresta carne e alma até a última arfada.



No dia da estreia, Apollinaire acordou cedo. Desceu às escadas até o banheiro e deu aquela mijada grossa e empoderada. Lavou a cara sem lavar e se olhou no espelho com um susto fúnebre: um par de espinhas na quina do queixo lhe apontava a fúria de uma juventude monstruosa. De repente, a casa mal-assombrada dos hormônios instalada na sua intimidade matinal. Subindo pelo talo das rugas para sibilar pavor. Uma puberdade dos demônios.

— Hambúrguer demais?

Talvez. A donzela do opala não lhe deixava em paz. Estava sempre no encalço, acendendo fé, acendendo cor.

Apollinaire não esperava por essa. O queixo dobrado em pus. Em pleno dia de estreia. Desceu desolado à barbearia para pacificar, ao menos, os pelos da cara. Orelha, nuca, barba e sobrancelha. Deitou-se na cadeira reclinável, fechou os olhos e foi longe: espaço, tempo, traço, rota.... repassou a r cita da noite, de cabeça, sem gaguejar:

— Só tenho um plano: avançar pelas entranhas como raiz. Descer ao fundo abissal gotejando terra. Rompendo cascos. Abrindo o chão no rastejar da língua. Eu e o meu plano: tragar o fausto, no silêncio do último ato. E me entreter na água lambiscando os dedos...


Enquanto a memória trabalhava, Apollinaire sentia deslizarem sobre o pescoço os dedos do jovem barbeiro... melados de espuma... para lá e para cá... repetidas vezes... delicadamente... com gosto... tato fornicador, afrodisíaco, coreográfico. Chegou em casa, meteu-se no banho, excitado, e deflagrou uma festa láctea no playground das coxas. Outra estrela purulenta se avizinhava.

O senhor dos palcos chegou ao teatro com três espinhas na cara. Recém-paridas:

— Aquário, Sagitário e Capricórnio. – disse ao porteiro.

— Tá se vendo: o universo a todo vapor! Seu Apollinaire, o senhor bem que podia me deixar ir embora mais cedo, hoje, né?

— O que eu tenho a ver com a sua jornada de trabalho, Seu Tenor?



— Alguém precisa me liberar. Hoje é segunda-feira. Essa sessão extra que vocês arrumaram não dá para mim. Hoje é o meu dia de samba, gafieira, bolero, rock'n'roll, todo mundo sabe disso. Seu Chagas disse que não. O Seu Goulart mudou de assunto.



— E Dulcineia?



— Ainda não chegou.

— Hoje tem espetáculo, Seu Tenor. Se esse prédio pegar fogo, quem é que vai chamar os bombeiros?


Seu Tenor ficou calado, triste, inconsolável. Não gostou da desfeita. Era o seu dia de samba, gafieira, bolero, rock'n'roll. Isso, sim, era um incêndio digno de louvor. Fechou a cara. Ficou furioso. Inconformado. Respirou fundo. Até o espetáculo começar:



(Apollinaire entra em cena, carregando nas mãos um baralho de Tarô. Vai ao proscênio e encara a plateia. Um foco de luz chega ao seu rosto acendendo as três marias perfiladas no queixo.)

— Boa noite. Obrigado pela audiência. Tenho muito respeito pelo tempo que estão dedicando a esse momento. A esse ato de comunhão. Talvez uma egrégora. Talvez não. Somos muitos. E diversos. E dispersos. Cada um com a sua qualidade de atenção. O seu mapa astral. A sua qualidade espiritual. Uma egrégora evocaria um alinhamento das melhores vibrações de todos nós. É possível isso, aqui, entre os presentes? *(Pausa e olhar investigativo.)* Bom, antes de começar o espetáculo de hoje, eu queria fazer uma pequena leitura intuitiva para os centauros dessa plateia tão astrologicamente diversa. O Tarô tem sempre uma mensagem inspiradora. *(Embaralha as cartas.)* Aqui está: o Louco!!! Hora de se reinventar, sagitário! A vontade, o chamado, o impulso, investir no sonho... Sonho que se realiza com a ação do Mago. *(Embaralha novamente as cartas e tira uma.)* Não temos o Mago, mas temos aqui a Imperatriz. Tem alguém na sua energia, sim. Amor chegando. Alguém querendo construir algo novo, renovar, ação de amar à





vista. *(Tira outra carta.)* Olha aqui: a Chave... Escancarando o encontro com o novo. Algo se abre. Outra pessoa? Um novo trabalho? Nova casa? Fique atento aos sinais. Siga a intuição. *(Outra carta.)* Olha aqui a Cigana. O seu canal com a espiritualidade. Olhe com esperança para ela. Confie nela. Confie no processo. Aprenda com o processo. O caminho traz coisas importantes. Você está sendo chamado para a mudança. Mudar de lugar para mudar dentro. Mudar dentro e mudar de lugar. Não dá para saber a ordem das coisas. Mas a mudança virá. *(Tira a última carta.)* E por último: Uau. O Mago. Ele veio. Ele veio! O que é que você está sentindo nesse momento? Eu quero a verdade. O que é que você sente quando tudo parece convergir? Quando as coisas se combinam e reciclam a paisagem? É isso: a estrela dançante. O arpão varando a pedra. A caldeira da embarcação. O vento e a vastidão. O rosário e a oração. Vênus alada, sem mãos, sem pés, derretendo espinhos. Furando a gótica espessura da vida. E da morte. Não desista. Seja sempre o caos invencível ante a ordem. O centauro de fogo olhando para cima. Sempre para cima! *(Pausa breve enquanto olha para cima.)* Agora que estão prontos, o espetáculo vai começar. Um, dois, três, já!

Apollinaire não conseguiu prosseguir. Um papoco repentino, misterioso, anônimo e avassalador acertou-lhe uma faísca no meio da testa. Depois deflagrou uma sequência de explosões destruidoras, ateando fogo nas bambolinas, cortinas, paredes, pérolas, pancakes. Logo o teatro estava em chamas. Pânico na plateia. O alarme automático abriu todas as saídas. A pequena multidão deu no pé. Chagas na coxa arregalando os olhos. Goulart salvando a bilheteria. Dulcineia libertando o cavalo branco do último ato. Apollinaire gritando: — Seu Tenor, Seu Tenor, liga para os bombeiros!

Seu Tenor já não estava. Nem viu o espetáculo começar. Hoje era dia de samba, gafieira, bolero, rock'n'roll. Estava lá. Encaixado num par de pernas, dançando coladinho. Quando soube do ocorrido, já era: o teatro inteiro abaixo. Ninguém ferido. Só aquela última nuvem preta de picumã. As últimas tábuas chamuscadas. O último suspiro de Dulcineia em prantos.

Seu Tenor foi intimado. Foi chorar no meio-fio. Na frente do inspetor, tentou argumentar:

– Ora, doutor, Dulcineia já tinha abolido a segunda-feira: dia de descanso. Está no estatuto.

Ali, murcho na calçada, lembrou os anos em que cantava nas óperas municipais, o difícil começo como porteiro e agora essa irônica maldição do fogo. Da segunda-feira. Do inadiável par de pernas. Muito samba agora para continuar o rock'n'roll da vida.

Apollinaire estava igualmente arrasado. Permaneceu mergulhado em um deserto sem fim. Árido, dragado por um mar de areia quente, movediça. O coração rachado, sem fé, sem carne, seco. Como osso de carniça velha. Nenhuma chuva de ânimo, nenhum banho de ervas, nenhuma boa onda embalou seu coração congelado. Cético, sem desejo, ficou três dias em abstinência. Não sabia o que fazer. Não conseguia dormir. Longa e arrastada insônia. Zumbi.

No quarto dia, acordou tarde com a campainha. Era Dulcineia. A boca selada com um vermelho intenso. Entrou, abriu a bolsa, pagou-lhe uns tostões do seguro e partiu para terras distantes. Disse que fundaria uma escola de atores. Em algum platô do Planalto Central.

Apollinaire mergulhou os olhos num mar de horas, mirando à frente um Shiva de bronze azul que dançava com seus múltiplos braços sobre a mesinha de centro. Uma dança aleatória. Narcótica. Geográfica. Saltos, sobressaltos, assombros, mudanças repentinas, inesperadas... o ator das chamas via a face volátil da vida dando voltas, mudando de forma e cor à sua frente.

Outro barulho forte de campainha. Dulcineia de novo? Não, a moça da hamburgueria e o jovem barbeiro. Nus. Como duas amas de leite em providente salvamento de guerra, oferecendo ombro e sexo. Também não. Era o porteiro avisando:

— O pessoal da dedetização chegou. Posso mandar subir? Era o dia de Apollinaire. Quase noite e nenhuma mensagem de aniversário. Nenhum bolo confeitado. Só a empresa de dedetização.

— Daqui a dez minutos, Seu Antônio.

O ator entrou no banheiro. De dentro se ouviu o barulho de um mijo mirrado seguido de um silêncio misterioso e duradouro. E de uma conversa sussurrada pelo celular com a moça da hamburgueria e com o jovem barbeiro.

De repente, o ator das chamas abriu a porta do banheiro num empurrão súbito. Desceu as escadas do edifício e encontrou os dois na portaria.

— Allez, Apollinaire! – disse a moça com sua voz de mostarda e um francês *dijon*.

O jovem barbeiro arrumou o bigode com a ponta dos dedos.

Subiram no triciclo e saíram em direção às ruínas do teatro para um aceno final. Chegaram rápido. Selfie para guardar a tragédia no obituário virtual. Ao fundo, a sorumbática figura do Seu Tenor entre os pedaços de parede do velho edifício. Afastando escombros. Procurando coisas. O cavalo branco do último ato amarrado no poste de luz.

Apollinaire (*De longe:*)

— Seu Tenor?! Fazendo o que por aqui? Trabalho voluntário?
Ou pensando em construir uma gafieira no lugar?

Seu Tenor devolveu a ironia com um olhar barítono, grave.


— Dulcineia me chamou. Vou com ela esta noite.

— Olha só. A dupla do ano. Poderia até pensar que o incêndio foi uma encomenda bem planejada. Dindim do seguro no bolso e... pé na areia! Para algum platô do Planalto Central. Vai, Seu Tenor.


Seu Tenor fez-se de surdo. Tinha mais o que fazer: cavou um pedaço de terra e tirou de lá um cristal rosa, grande, do tamanho de um coração bovino. Estava intacto. O cristal de Dulcinea salvo. Ensacou o coração de pedra, selou o cavalo branco e sumiu, entoando Puccini: — *Nulla... Silenzio!...*

— Viram isso?


Apollinaire ficou ali, no esquadro da rua, ouvindo a ária desaparecer pela glote do falso barítono. Sem entender nada. Nunca havia visto tamanha pedra de rosa intenso, brilhante. Uma pequena rocha de fogo retirada do ventre moribundo de um teatro defunto. Um fogo-rei. Sagrado.



Apollinaire atravessou a área do foyer, avistou o palco – o que restou dele – e desceu o corredor da plateia em modo Stanislavski:



— O ar imortal das minhas esperanças tem cor azul-violeta. Como um morpho de asas desmedidas. E inflama as minhas andanças e os meus desejos épicos. Nem a morte nem a boca faminta do mundo têm mais saliva do que o sopro dos meus ávidos voos. Nada é mais fértil do que as minhas secretas crianças. Vago nessa existência efêmera, como um teatro errante, sem traçado ou geometria, apenas para nascer de novo. A cada instante.



(A dupla de jovens se regozija: palmas, assobios e música improvisada. Dança a três. Plexo solar para o alto como trombetas expurgadoras. Giros sufis, uma nova ordem em construção. E muitos morphos ao redor. Tudo aquilo fundido numa imensa nuvem de catarse e despedida. Até que a moça e o rapaz se vão no próprio gás do aceno. E desaparecem na escuridão da rua.)

Apollinaire ficou ali, parado, mirando o dissipar das delícias.

Do fundo da rua escura, ouviu-se o trotar conhecido do cavalo branco voltando em pelo, sem sela, ao mesmo poste de luz. Veio sozinho. Sem o cavaleiro cantador. O animal trazia pendurado na crina um objeto cilíndrico com visor na frente e uma caixa de contas coloridas atrás. Apollinaire girou o aparelho e viu uma explosão de formas e cores entornando mandalas sobre um piso de espelhos. Na caixa do brinquedo, uma frase gravada: *feito de pedaços do sagrado coração do teatro. DULCINETIA.* (Aqui poderia começar o filme de Apollinaire. Câmera íntima. Travelling lento em direção ao seu rosto. O cavalo dragado pela rua novamente e as mandalas em círculos cambiantes movendo a sua mente.)

Apitos para quebrar a calma da cena. São os jovens fornicadores que reaparecem na garupa do triciclo.

Ela — (*Segurando um bolo confeitado.*) *Bonne anniversaire, Apollinaaaaaire!*

Ele — (*Valsando uma canção conhecida.*) “*Apollinaire, Apollinaire... poésie, poésie, oh la folie, le symbolisme, le surrealisme...*”²

² Remissão à canção *Valse pour Apollinaire*, de Erico Pieranunzi.




OUÇA AQUI

Apollinaire guardou o presente, subiu no triciclo e despencou ladeira abaixo, numa Paris interior, completamente nu. Ele, um caminhante errático, um passageiro sem hora, um *flâneur* sem terno, sem rumo, sem eira nem beira, um dândi imaginário, descalço e despido nessa paisagem aniversária, desceu à cavidade mais profunda do desconhecido. E desapareceu na vastidão da vida com os dois viajantes e um bolo confeitado no meio.


As baratas saíram em disparada. As mais lentas tiveram seu fim. Incenso na sala. Shiva começando uma nova dança.

3


SIMPLÍCIO E A MATEMÁTICA DA VIDA




Simplicio apareceu palpitante no portal do quarto, arfando como um bicho assustado, o casco da cara repartido ao meio.




— Cortam-me o coração tuas palavras passadas na faca de uma cebola ibérica – disse a Dulcineia, a quinta esposa, com aquele orgulho de resistir às lágrimas e aquela vontade engasgada de chorar todo grão guardado, sem plantar.






Viu-se entre paredes, olhando o fazer e o desfazer das malas, ela num baile de mãos e ele ilhado numa despedida próxima, a carne dos ossos se desfazendo em pó.






Quando a última mala fechou, uma bomba de silêncio atingiu os seus tímpanos. Durou vinte segundos contados. Tempo de sobra para ela cruzar a porta e desaparecer. Foi-se no fio da sua labiríntica estrada.



— Devemos nos concentrar no que é mais urgente – disse Simplício aos próprios ouvidos. Abriu um vinho e encheu a taça até a boca. Buscou na prateleira o seu livro preferido.

— Quando leio Pessoa, mando às urtigas o tejo frio desse fado inverno e bebo às bravas o douro tinto de um *Papa Figos*. Ou de um *Flor do Côa*.

Pois bem. Simplício não se sente exatamente um poeta. É físico com credencial de segurança. Mas há um trovador de fundo, esquecido em sua alma velha. Quando lê Pessoa, se acalma, se aquece, volta a ter consciência da vida subterrânea que lhe foi lentamente subtraída. Volta a animar o seu sistema límbico (o das emoções), que ele mantém abandonado na garagem de um trem-fantasma.



Simplicio tem na alma uma solidão constante e uma timidez ancestral, corrosiva, infernal. Vem da infância a danação. Do batismo torto. Do miocárdio flambado na morte. Do mar que quase o engoliu. Do olhar da mãe sobre a privação diária da fatura. Das mãos do pai minerador, ensinando-lhe a fabricar explosivos. Vem, sobretudo, do seu olhar inconformado ante a matemática desumana desse mundo desigual.

Sua indignação é grave e angulosa. É a mesma que move a ralé, os sobrantes, as vidas desperdiçadas, os descartados, os diplomados pela miséria.

Os seus amigos sumiram sucessivamente em escala caleidoscópica. Agora está só, em uma sala escura rodeado de livros e planos mirabolantes. Um deles está prestes a acontecer, a Operação Titanic: uma explosão em alto-mar. Simplício planejou todos os detalhes para romper o casco dos milionários em seu cruzeiro atlântico durante a festa de ano-novo. Há anos vinha alimentando a fúria contra os czares modernos. Orgulharia o pai, pensou: — Chegou a hora de devolver aos exploradores o mesmo terrorismo.




Rumou de carro para a Praia do Sono, onde o navio aportaria em dois dias. Na mala, Fernando Pessoa, um par de roupas leves, urânio-235 e plutônio-239 para construir a sua *Little Boy*. Entraria com o seu arsenal pela rampa dianteira do convés que dá acesso à cozinha. Entraria disfarçado de camareiro, com um baú de louças cenográficas e a bomba dentro. Uma bomba radioativa de largo alcance. O bebê destruidor seria colocado na casa de máquinas, próximo ao quinto compartimento do navio, como um iceberg negro disfarçado na noite.

A hora da explosão deveria coincidir com o minuto zero do ano vindouro. Um show pirotécnico verdadeiramente transformador: — Nenhum efeito ou artifício desenharia no céu essa explosão de beleza.

No primeiro dia, depois da bomba montada, Simplício foi andar na praia. A velha senhora de maiô azul rebotava a cada solavanco da onda. Um corpo massagordo de barriga saliente a pendular na beira do mar. Humana obra cinética. Em divertido e hipnótico vai e vem. Vai e vem. Vai e vem.

Em seguida, caminhou até uma roda de atabaques, saias brancas e avatares africanos. Ficou ali com os pés metidos na areia, entre os sons dos tambores, observando os giros da kizomba. Flores perfumadas de mão em mão, numa corrente de prece e paz, e vapores de cheiro amadeirado incensando o ar. Simplício contabilizou doze participantes, fora o celebrante que agitava a golpes o seu pequeno ganzá. Uma santa ceia de terreiro azeitada no dendê.

A iguaria principal era um caldo escuro de especiarias. Circulou na esteira da roda, de boca em boca, inclusive a dos curiosos, como Simplício. O físico (com credencial de segurança) deu uma golada funda, apreciando a degustação. Minutos depois, estava tombado na areia, em estado de remanso e em profunda contemplação. O céu nunca lhe pareceu tão vasto. Simplício conciliou-se com o Nirvana.



Caiu em sono profundo. E foi logo sonhando: elefantes de Dali, nuvens de Fellini, pulsares de Pessoa e as unhas de Dulcineia arando as suas costas com a delicadeza do som. O arquiteto da destruição estava totalmente entregue àquela patética calma. Tudo mais lento do que antes. Mais dilatado. E mais verdadeiro do que deveria.

Simplicio seguiu afundado em seu mergulho onírico durante horas. Sono profundo noite adentro. Uma sucessão de imagens, uma após a outra, engolindo as suas equações cerebrais e devorando o tempo. Acordou lambido pela areia, remelas no olho e a frequência cardíaca alterada: estava estranhamente em harmonia com o ritmo das ondas.




O físico levantou-se com a ajuda de outro sobrevivente que havia adormecido ao lado:

— Primeira vez na roda? – perguntou o rapaz.




— Sim.

— Essa roda é milenar. A roda estelar. Ou a Roda do Sono. Daí o nome da Praia. Praia do Sono. Sono mágico e restaurador.

— E o sonífero é feito de quê? – disparou Simplício, visivelmente mal-humorado.



— A essência vem das alturas. De uma flor chamada Edelweiss, a flor de algodão, só encontrada nos Alpes. E nem flor é. É uma planta formada por centenas de flores minúsculas, aglomeradas em pequenas cabeças amarelas e rodeadas por folhas brancas aveludadas, formando uma estrela. Uma geometria espetacular. Quando mastigada pelas cabras montanhesas, são fermentadas e armazenadas nas fezes com alto poder alucinógeno. Conhece aquele ditado: “Para subir aos alpes, tem de vencer as cabras”? Chegar às alturas. Colher as fezes ainda frescas, extrair delas o líquido escuro e bebê-lo em noite de lua cheia.



Simplicio achou poética demais a explicação. O unguento parecia mais uma mistura de mariri, chacrona e Rivotril. Uma bomba como jamais imaginou.




- E como é que essa substância chega até aqui?
- *(Apontando para o horizonte.)* Tá vendo aquele navio ali?

Simplício avistou de longe a traseira da embarcação que planejava explodir. O cruzeiro dos milionários havia atracado nas primeiras horas do dia, enquanto ele dormia um sono profundo. Demorou exatos cinquenta minutos em terra e zarpou novamente em sua rota atlântica. *Little Boy* ficou literalmente a ver navios. Simplício, boquiaberto. O acaso tinha sido ironicamente mais mirabolante. Os milionários continuavam a navegar em águas calmas. Rumo à noite de ano-novo.

— *(Para si mesmo.)* Que matemática é essa, Simplicio? Que matemática é essa?

O físico estava inconformado. Foi entorpecido sem consentimento, perdeu seu alvo e se viu numa provocação quântica. E nem acreditava muito nessa história de cabras montanhas. Mas isso era apenas um detalhe. Uma alegoria narrativa.

Era o último dia do ano. Decidiu tirar a roupa e se lançar no mar. Ficou bons minutos estirado sobre as águas, boiando como um corpo sem órgãos, exposto ao vergalho do sol.




Quando retornou do mar, Simplício foi abordado por uma nativa bem torneada, olhos grandes e fundos. Vênus pintada por Velázquez. Não tão branca. Morena. Cabelos negros até o começo da coxa. Voz de sereia, em súbita aparição, atravessando o seu caminho:

— Esse livro é seu? – perguntou a moça, entregando-lhe um Fernando Pessoa achado no tragadouro da areia.


Simplicio demorou o olhar sobre a jovem. Estendeu a mão e recebeu de volta o livro desgarrado. Ela devolveu o olhar, recitando o poeta:

— “Aqui na orla da praia, mudo e contente do mar, sem nada já que me atraia, nem nada que desejar, farei um sonho, terei meu dia, fecharei a vida, e nunca terei agonia, pois dormirei de seguida.”³ Bem-vindo à Praia do Sono. Tiro cartas, leio as linhas da mão e canto a música da sua alma. Quer experimentar?


3 Poesias. Fernando PESSOA. Lisboa, Ática, 1995, p. 118.



Simplício demorou mais uma vez o olhar sobre a jovem. E ela correspondeu sem esforço. Juntos foram caminhando lado a lado, numa conversa praiana progressiva. Havia entre eles uma intimidade precoce querendo crescer. Mais alguns passos e estariam colados pela pele. *Love bombing.*



— Meu amor, devo à teia dos teus lábios esse beijo profundo atrás das árvores. As ninfas lamentosas se despem sorridentes, os sátiros saltam montanhas e todos os seres báquicos correm para ver a delicada dança que se move entre as nossas bocas.



E nessa paisagem dionísia, nenhum vento, nenhum ruído, somente o néctar desse amor à primeira vista. Após, o que se segue, o que vem depois.... um nenúfar passando a distrair o olhar alheio. E eles dois, sem matemática conhecida, entre cedros imaginários, em um campo de centeio.



FOTOGRAFIA



AUDIODESCRIÇÃO



1



TRIOS

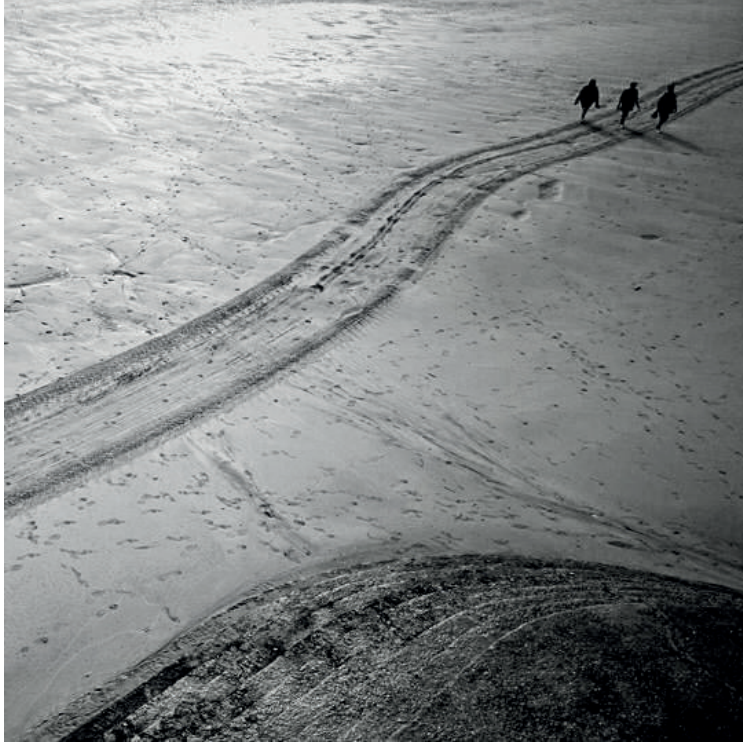






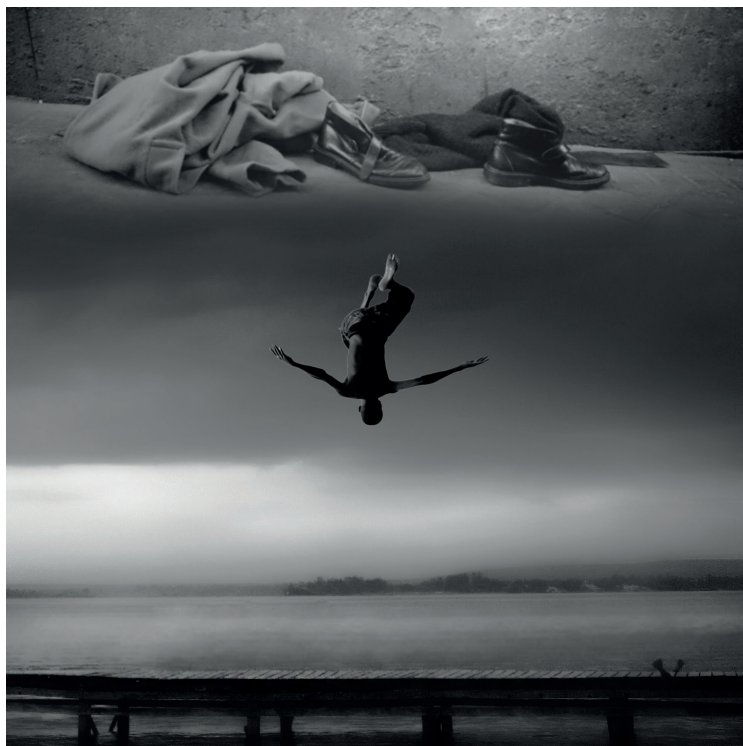






2

TRIPLOS













3

TRÍPTICOS















MÚSICA



OUÇA O ÁLBUM

ABERTURA | CANÇÃO DO VENTO

Madrid

[Instrumental]

1º MOVIMENTO | CANÇÕES DA LUA

Orixá

Oração

Enluarar

2º MOVIMENTO | CANÇÕES A DOIS

Reza das marés

O que virá?

Rio

3º MOVIMENTO | CANÇÕES DO VÃO

Não saia

Cafuné

Caos

MADRID [INSTRUMENTAL]

Composição **André Amahro**

Violão, corá e arranjo **Lucas Trigueiro**

Acordeão **Clarice Cabral**




Arranjo de acordeão **Fernanda Cabral**

ORIXÁ

Letra, música e voz **André Amahro**

Piano **Rodrigo Zolet**

Arranjo de piano **Fernanda Cabral e Rodrigo Zolet**



Não, não passe assim
Na minha frente como o sol nascente vindo devagar
Que eu vou pensar que o mundo inteiro
só existe pra te acompanhar
Eu vou imaginar que é teu esse lugar
Que a lua só nasceu nesse caminho pra te iluminar
Eu vou cantar
Como canta o vento quando passa sobre o teu altar
Eu vou dançar pro teu orixá

Sobe, amor, nesse tapete voador
Voa amor nesse meu jeito de inventar uma nova cor
Viajar num mar de flor
Iemanjá já nos chamou


ORAÇÃO

Letra, música e voz **André Amahro**

Piano, sintetizadores, programações e arranjo de violoncelo e acordeão **Fernanda Cabral**


Violoncelo e acordeão **Clarice Cabral**

Baixo acústico **Oswaldo Amorim**




Oh, meu senhor
Quero te mostrar a minha dor
Que o amor partiu
E me consumiu até quem sou

Meu senhor,
Eu sei que o seu amor é bem maior que o meu
Que a terra e o céu hão de entender
Que eu deixei um grande amor entrar



Um mar de luz crepuscular levou meu coração
E eu vi ele sonhar com a lua
E a sua redenção



Meu senhor,
Eu sei que a solidão é o nosso chão
Mas é também tão crua
Ou uma ilusão

Meu amor, quando a saudade aperta
Deixo a porta aberta e vou pra rua
E faço uma oração.

ENLUARAR

Letra, música e voz **André Amahro**




Participação **Fernanda Cabral**

Violão **André Amahro**

Sintetizadores e arranjo de violoncelo e violino **Fernanda Cabral**

Violoncelo **Clarice Cabral**

Violino **Kalley Seraine**



Vem, amor,
Acende a tua estrela!
Vem de ti o meu querer cantar
Vem do coração essa canção
Vem dessa canção o meu querer te amar
Só querer te amar

Eu vim cantar o nosso amor tão verdadeiro
Dessa janela acordaria o mundo inteiro
Só pra te enluarar

REZA DAS MARÉS


Letra, música e vozes **André Amahro** e **Fernanda Cabral**

Piano, sintetizador, arranjo de violino e coros **Fernanda Cabral**


Violino **Kalley Seraine**

Bateria, congas e caxixis **Lupa Marques**

Baixo elétrico **Oswaldo Amorim**




Nessa clareira incandescente
de fogo e fé
Vida, viagem
Sonho, verdade
Na reza das marés



Nessa clareira incandescente
de fogo e fé
Brasa, coragem
Sombra, miragem
Sangra a saudade e...

Segue tua flor, teu colo, teu
amor e a tua estrela-guia
Vive, sim, a tua dor
Seja como for
O passo é de alegria

Nessa clareira incandescente
de fogo e fé
Vida, viagem
Sonho, verdade
Na reza das marés



Nessa clareira incandescente
de fogo e fé
Chama, vontade
Canto, passagem
Mata a maldade e...

Segue tua flor, teu colo, teu
amor e a tua estrela-guia
Vive, sim, a tua dor
Seja como for
O passo é de alegria

O QUE VIRÁ?

Letra, música e vozes **André Amahro** e **Fernanda Cabral**

Guitarra **Rodrigo Bezerra**

Sintetizador, programações, arranjo de trompete e

coros **Fernanda Cabral**

Trompete **Moisés Alves**

Baixo elétrico **Oswaldo Amorim**

Longe? Perto? Não haverá deserto?
Tudo certo entre nós dois?
Quem benzerá as horas?
Quem rezará as orações
Noites afora
Para os nossos corações?
Quem nos salvará
Das nossas aflições?
O que virá?
O amor?
Ou será a dor
Que nos levará?
O que virá depois?

RIO


Letra, música e vozes **André Amahro** e **Fernanda Cabral**

Violão **Fernanda Cabral**

Acordeão **Rodrigo Zolet**


Trompete **Moisés Alves**

Baixo acústico **Oswaldo Amorim**




Todo canto tem um coração-luz
Água navegando o céu
Ar... dentro desse véu acenderá
(há de apagar) o frio

Todo canto tem um coração-luz
Chuva amanhecendo sol
A... folha desmanchando de manhã
O voo azul do rio



Todo canto tem um coração
Sol amanhecendo véu
Desmanchando a água
Navegando a luz do céu



Todo canto tem um coração
Água amanhecendo mar
Folha navegando,
Acendendo o azul do ar

Apagando o frio
Dentro desse rio
Voo

NÃO SAIA


Letra, música e voz **André Amahro**

Guitarra **Rodrigo Bezerra**

Sintetizadores, programação de bateria e arranjo de violino


Fernanda Cabral

Violino **Kalley Seraine**




Olha só
A nossa casa já perdeu a cor
Eu já nem sei pra onde vou
Se você for embora

Meu amor,
Espere um pouquinho só
Eu quero desatar os nós
Nossa vida mal começou



Como pode um coração
Sem o seu peito encostado nele
Fico assim meio sem jeito
Sem entender qual a razão
Se quiser apague a luz
Mas não me deixe nessa escuridão
Não saia
Não caia
Nesse vão



CAFUNÉ

Letra, música e voz **André Amahro**

Guitarra **Rodrigo Bezerra**


Sintetizador e programações **Fernanda Cabral**

Arranjo de trompete **Fernanda Cabral**


Trompete **Moisés Alves**

Bateria **Lupa Marques**


Baixo elétrico **Oswaldo Amorim**



Quero te fazer carinho todo dia,
quando você for dormir
Passar a mão no teu cabelo, tua pele,
quando você acordar, é!
Te faço um cafuné, é!
Te levo a pé até o fim da minha vida
Te dou a minha fé, é!
Eu sei como é que é a dor dessa ferida



Quero te fazer um filho toda noite,
ele vem quando quiser
O tempo passa tão depressa, num minuto,
nem parece que passou, é!
Te faço um cafuné, é!
Te levo a pé até o fim da minha vida
Te dou a minha fé, é!
Eu sei como é que é a dor dessa ferida



CAOS

Letra, música e voz **André Amahro**


Guitarra **Rodrigo Bezerra**

Sintetizador e programações **Fernanda Cabral**


Arranjo de trompete **Fernanda Cabral**

Trompete **Moisés Alves**


Baixo elétrico **Oswaldo Amorim**



Olha, amor,
A terra espalhando o pó vermelho sobre a multidão
Um labirinto derramando a minha confusão
Correria despertando todos os titãs
Ventania dissipando as nossas manhãs



Eu vou atravessar o caos contigo
Eu vou levar o nosso amor comigo



Então, corra amor!
O mundo desabou
A flor já não dá mais sinal
Da vida que restou




TRIFÁCIOS

UMA VIAGEM DE PRIMEIRA CLASSE À LITERATURA

CÁSSIA JANEIRO


É um tanto difícil alcançar a poesia na prosa. Exige esforço, mais que talento, mas, se talento houver, tanto melhor. A chamada prosa poética precisa trazer a quem lê uma experiência de sensibilidade e inteligência, uma lógica prenhe de imagens que permitam transitar entre a história e a emoção, a estupefação diante do belo, esse belo que constitui a estrutura do texto. E foi assim que, lendo a prosa poética de André Amahro, fiquei muitas vezes assombrada diante do belo; perplexa, face a face com essa tessitura perfeita com a qual o autor arremata, com originalidade ímpar, o seu texto.

Não é exagero. Em vários pontos da leitura, foi como se eu tivesse encontrado a epopeia de Gilgamesh, um trecho brilhante de um filme de Fellini ou de Peter Greenaway (em especial *O bebê santo de Mâcon*). Mas a prosa poética de André não é apenas feita de originalidades, assim mesmo, no plural; ela é constituída por uma rara combinação estética que abriga um




tanto de prosa, outro tanto de teatro, a presença da poesia – única e farta –, tudo isso perpassado pela delicada musicalidade, ora suave, ora pungente.


Quero falar dos começos. “Um conto não tem tempo de errar”, me disse uma vez o escritor Paulo Dantas. Ele deve provocar um impacto em quem lê de chofre, sob o risco de perder esse olhar. E foi exatamente assim que me vi prisioneira, desde o início, em *Bonsai e o sentido da vida*, em *Apollinaire e a vastidão da vida* e em *Simplício e a matemática da vida*. Não à toa, todos os títulos remetem à vida, porque é vida pulsante e escrita com rigor matemático, na qual nenhuma palavra se desperdiça, e com um profundo sentido que a vida carrega.





Há grande sofisticação nos contos de André Amahro. Porém, isso não os torna pedantes ou ininteligíveis. Ao contrário, a sofisticação está a serviço de quem lê, como um belíssimo presente embrulhado e oferecido. Assim, não se trata de uma ginástica mental a serviço do autor, como que para comprovar sua capacidade de escrever bem. Não! André nos dá de bandeja uma viagem de primeira classe à literatura.



Em *Simplício e a matemática da vida*, por exemplo, ele nos presenteia com um protagonista que “tem na alma uma solidão constante e uma timidez ancestral, corrosiva, infernal” que vem “do miocárdio flambado na morte”. Já em *Bonsai e o sentido*



da vida, “alguma verdade há de vir sob a dança perfumada dos ventres, sob a fumaça derradeira das tribos”. A desgraça de Bonsai é “viver na delicadeza das coisas” como um “vaso de vidro mirando a ruína. Quadro bizantino sem valor, notícia sem graça”. Por fim, em *Apollinaire e a vastidão da vida*, o protagonista é apresentado como alguém que “tem no sangue um tanino diferente. Amadeirado. Um sabor de cedro, de madeira cênica, *sapateos*, touradas fervorosas, cortinas e aplausos no final. Olé!” Mas nem só de texto é feita essa literatura. Há espaços – amplos ou diminutos – que dialogam com os silêncios e com as falas ainda embrionárias que pulsam na cabeça de quem lê. É como se fôssemos convidados a escrever e/ou a sentir nesses espaços, o que torna única a experiência da leitura e que busca ali a completude, junto do autor.






Essas são apenas pílulas para chamar você a ser fígado pela beleza de quem sabe fazer literatura. Espero que tenha se deliciado com André Amahro! Olé!

Cássia Janeiro é uma premiada escritora e educadora brasileira. Foi a primeira sul-americana a ganhar o *Prêmio Mundial de Poesia Nösside*, (chancelado pela Unesco do qual se tornou embaixadora no Brasil. Pós-graduada em Educação e Cultura, tem trabalhos publicados no Brasil, na França, na Itália e na Holanda. Faz parte do corpo diretivo da União Brasileira dos Escritores e é membro da Academia Metropolitana de Artes, Ciências e Letras (AMLAC) e da Associação Internacional de Escritores e Artistas. Livros: *Poemas de Janeiro*, *Tijolos de Veneza*, *As filhas de Eva*, *Quando todos os dias foram domingo*.


O TRÊS EXPANDIDO:
HISTÓRIAS CONTADAS
A CÉU ABERTO

RENATA AZAMBUJA




Foi em nome do número *três* que André Amahro me contou a história de 15 fotografias a serem tomadas como objetos de análise e escrita. O número *três* foi o mote que caracterizou a construção desse grupo de imagens, e o que havia impulsionado seu olhar a retratar cenas e a criar narrativas; porém, confesso que foram os atributos visuais que me chamaram para dentro das imagens, algo que ocorre frequentemente com fotos em preto e branco, pela nitidez e evidência com que cenas, objetos e pessoas acabam retidos no seu universo.


Em seguida, olhei para o grupo de fotos com a impressão de que olhava para imagens analógicas quando, na verdade, foram feitas digitalmente. A partir dessa constatação, as imagens se conformaram de outra maneira à visão, oferecendo outro rumo à leitura porque, de alguma forma, os processos tecnológicos conectam temporalidades, associando as técnicas de presente e passado, que ativam as propriedades do contemporâneo às



fotos. Essa primeira impressão se relaciona com a aura que as imagens, quando produzidas analogicamente, carregam. Tem a ver com as suas variadas tonalidades de cinza e com uma pegada nostálgica, que remete às fotografias de décadas atrás, e com essa ideia de que houve uma preocupação em dar uma determinada feição manufaturada à paisagem. O historiador de arte australiano Geoffrey Batchen, ponderando sobre a história da produção fotográfica, disse que há algo que se mantém em seu percurso: a manufatura da imagem que os fotógrafos engendram, sendo esse *artifício* uma parte inevitável da vida fotográfica.




O *três*, em si, quando desvinculado de algum substantivo ou história, nos leva à ideia básica de ser a soma de dois mais um, ou de que está associado, de acordo com o filólogo Antônio Houaiss, à expressão *três por dois*, que significa regularidade e frequência. Essa ideia de harmonia e proporção a que Houaiss relacionou o número *três* muito provavelmente se originou da larga literatura cujas origens remetem ao simbolismo da santíssima trindade e sua correspondência com a harmonia entre mente, corpo e espírito: o triângulo perfeito.




São as derivações que nos levam a pensar sobre como o número *três* pode se expandir: do *três-raiz* partimos para tresandar, tresavô, trescalante, três-corações, três-coroense, 3-D, três-dedos, tresdobrado, três-estrelinhas, tresidela, tresloucado, tresnoitado e assim vai. O fato é que o *três* nos conduz à reflexão sobre as







três dimensões do espaço e os três estados do tempo, aspectos caros quando se trata de fotografia.





O conjunto de fotografias que Amahro nos apresenta está dividido em três séries denominadas **Trios, Triplos e Trípticos**. Ou seja, o *três* surge com contornos distintos, sendo apresentado, em Trios, como elemento visual que se transforma no foco temático das fotos, captadas ao acaso, enquanto em Triplos e Trípticos os elementos se inserem como colagens que conformam narrativas abertas, algo característico das fotomontagens. Nos Triplos, aliás, o número *três* não se encontra em evidência, porque no ambiente estão outros elementos: um complicador para quem tenta distinguir qual dos elementos em cena é ou não o terceiro. A ideia de André Amahro é “inspirar narrativas e fabulações subjetivas”.



Ainda no grupo das fotomontagens, imagens são *plantadas* e arranjadas na cena, concedendo a elas movimento e imprevisibilidade, característica de uma técnica em que a combinação gera acasos, abrindo espaço para uma variedade de significações e concedendo ao espectador inúmeras possibilidades de associação. Ou seja, o *três* gerador se transforma em n probabilidades nas montagens, uma questão que nos conduz ao pensamento do filósofo Henri Bergson, que, estudando sobre a consciência e as suas relações com o tempo e o espaço, relacionou as fabulações sobre a existência à ideia de imprevisibilidade.




Importante destacar que o imprevisível, diferentemente do que podemos supor, não está somente registrado nas imagens com colagens, mas também naquelas nas quais os objetos e as pessoas são encontrados ao acaso, como também em outras em que há uma composição que se desenrola como uma historieta, tal como vemos nos Trípticos. O que ocorre para a captação, em termos de consciência sobre o real, é que o acaso dos Trios se forma como imagem para quem vê depois que a foto está feita (três motos, três barcos, três cadeiras, três volumes pretos, três pessoas com boias, três pessoas caminhando sobre a areia) enquanto nos Triplos e nos Trípticos a consciência sobre o *três* das imagens está no procedimento de elaboração e na posterior análise combinatória. Isso, para Bergson, é a massa mesma da existência, porque, para ele, a consciência no existir gera mutabilidade.




As imagens que Amahro produz giram em torno da construção de diversos tipos de temporalidades e de espacialidades, como uma coleção múltipla de tempos inseridos em espaços que reconhecemos, tornando a experiência do real imaginária (o encontro com o presente em Trios; a atmosfera surreal dos Triplos e o tempo das histórias nos Trípticos). O inesperado surge como rasgo nas imagens, na medida em que o real é fabulado; é invenção.


A inventividade desse grupo de fotos aponta para o experimentalismo que caracterizou a produção fotográfica moderna e que, no Brasil,




foi se configurando como nova fase a partir da década de 1940. O analógico ainda era a técnica por excelência, e as imagens ainda produzidas em preto e branco; porém, as concepções sobre o que seriam as representações mudaram, inclusive antevendo o que viria depois, com a entrada dos sistemas digitais de captação de imagem, juntamente das intervenções que, mais tarde, caracterizariam a fotografia digital contemporânea. Foi o início de uma grande onda de experimentalismo; entre essas obras, encontramos as fotografias que dialogam em muito com as fotos de Amahro, tal como nas emblemáticas fotos de German Lorca, *Circo de cavalinhos*, de 1949, e *Janela – só para mulheres*, de 1951.




Não esqueçamos, também, ao traçar as relações estéticas com esse conjunto de imagens, o papel das fotomontagens de cunho surrealista que ocuparam um grande espaço experimental, em movimento contrário ao desejo documental de retratar o factível que perdurou por muito tempo na história da fotografia. Nessa onda experimental, havia um interseccionamento com os caminhos que as Artes Visuais estavam tomando, e as fotomontagens permitiram introduzir rasgos no real, deixando à mostra, sem revelar, o caráter subjetivo da experiência de quem faz e de quem olha; um mergulho no imaginário, que fica bem evidenciado nos *Triplos*, cujo diálogo poderia ser feito com as fotomontagens de Athos Bulcão, produzidas na década de 1950, e com as quais Amahro muito se identifica.







Como é próprio da fotomontagem, o que vemos nos Triplos são pistas para uma interpretação, as quais, de longe, vão nos levar a algum sentido lógico que sacie o desejo de saber por completo. O que podemos constatar, como atributo presente nessas cenas, como também nas outras séries, é que as histórias são contadas a céu aberto: nunca há espaço enclausurado. O interior fabulado descortina-se tendo o céu à vista.




Amahro declarou que “mira bem no que quer, enquadra e aperta o botão”, concluindo que não há segredo, e que ajusta, de leve, as tonalidades de cinza para chegar à aparência que quer. Pode não haver mistério no método, mas o que resulta são fotos de muito boa qualidade, com ótimos enquadramento e foco, tornando viva a aparição do que está posto ao olhar, mesmo que sejam barcos, pedras ou cadeiras; objetos coloquiais. Essa maneira de captar as imagens, em um clique decisivo - algo que fica mais explícito nos Trios - encontra similaridade com o que o fotógrafo estadunidense William Eggleston descreveu como sendo a sua forma de captar a situação, o objeto ou cena, que passam por sua intensa observação prévia, algo que soa como um pleonasma quando nos referimos a um fotógrafo para o qual o tudo era curioso e passível de ser fotografado. Essa forma de agir, parecida com a de Amahro, desfazia, para Eggleston, a necessidade de fotografar mais de uma vez o objeto ou sujeito selecionado.




Nos Trípticos, outro processo de captação da imagem e de




elaboração parece acontecer. É uma série que se situa, conceitualmente, entre os Trios e os Triplos, ou entre os acasos que ocorrem durante os percursos e as construções combinatórias de imagens que derivam das associações feitas. A história não nos é contada dentro de uma sequência lógica crescente, como, por exemplo, vemos em *Homenagem a George Segal*, de 1990 - um trabalho muito conhecido da artista brasileira Lenora de Barros.





Não se pode desconsiderar a influência do teatro e do cinema, linguagens com as quais Amahro também lida em sua vida profissional, como questões que colaboram para a concepção dessa série de fotos. Como o nome indica, são formuladas em terços: três momentos que encadeiam cenas configurando pequenos contos visuais que, mesmo que compartilhem formatos, são distintos em seus focos narrativos. A narração ocorre aproximando e distanciando as pessoas nas cenas, e é neste movimento de vai e vem, acentuando os detalhes, que se situa o enigma do enredo, deixando-nos fora do domínio da certeza e abertos ao problema da interpretação.



O conjunto de fotos de Amahro se correlaciona, envoltas que estão em preto e branco, convidando-nos a um passeio contemplativo. Mesmo que tomadas por tantos elementos se relacionando em cena, as fotos ainda nos mantêm absortos, inseridos em uma atmosfera de silêncio e retraimento em busca de sentidos - afinal, nessas imagens não há fechamentos, mas, sim, aberturas,



que são singulares para cada olhar. Para ver, somos instados a observar e a nos relacionar com o presente, o passado e o futuro, permitindo que a mágica de ver esse grupo de fotografias sobrevenha.




Renata Azambuja é pesquisadora em História e Teoria da Arte, curadora e arte-educadora. É licenciada em Artes Plásticas pela Universidade de Brasília, bacharel em Biblioteconomia e Documentação também pela UnB, mestre em Teoria e História da Arte Moderna e Contemporânea pelo City College of the City University of New York, onde defendeu a dissertação *Cildo Meireles: A Física do Espaço Social*, além de doutora em Teoria e História da Arte pelo Instituto de Artes da UnB, com a tese *Dobras Curatoriais: a residência artística como lugar de prática*.



**ENTRE A QUEDA
E O VOO**
LEONARDO LICHOTE


Triciclo- O disco, a porção sonora deste projeto multilinguagem de André Amahro, equilibra-se num estado de suspensão. Há nele, o tempo inteiro, uma flutuação poética e musical que parece prestes a se decidir – ou se indecidir – entre a queda e o voo. Entre a solidão que é chão (como ele canta em *Oração*) e o céu que se pode navegar (presente nos versos de *Rio*).

A suspensão se instaura já na atmosfera mítica de *Madride* a sua geografia flutuante – a despeito da localização declarada em seu título. Na primeira faixa do disco, a única instrumental, ouve-se, sim, a Espanha no violão de escalas mouro-ibéricas, mas esse território se funde à África que o corá carrega. Costurando as fronteiras indefinidas, está o acordeão, instrumento que atravessa tantas musicalidades e culturas – do tango ao xote, do Leste Europeu aos *pubs* irlandeses.




No álbum dividido em três segmentos (**Canções da Lua, Canções a dois e Canções do vão**), *Madrid* cumpre o papel da abertura, batizada de **Canção do vento**. O vento, a lua, o encontro (a dois), o vão – novamente, a flutuação entre o alto e o fundo.

Primeira das Canções da Lua, *Orixá* tem em seus segundos iniciais a gravidade posta pelo piano. Até que se descola do chão pelos pequenos saltos da leveza de seu compasso ternário. O estado de suspensão do eu-lírico é efeito da passagem da musa – o que já moveu tantas canções, que talvez tenham em *Garota de Ipanema* o seu paroxismo. Quando lemanjá é evocada na letra, o mar do piano se agita.




O apelo ao divino – ou seja, ao que há de mais elevado e mais terreno – é reafirmado em *Oração*. Nela, a marcação da percussão sintetizada pontua as longas notas do violoncelo e do acordeão, enquanto a letra pede a paz no coração que sofre pelo fim do amor. É bonito que a rua, a abertura pro mundo, seja o lugar da oração.




Enluarar encerra as Canções da Lua, como serenata que se ergue no céu da noite em direção à lua. Fernanda Cabral, que assina a produção do disco, flutua com André, cantando com ele em dueto.

Fernanda assina com André, e canta com ele, as três faixas que integram o segmento Canções a dois. A primeira delas, *Reza das*




marés, desenha o divino no mar, sobre congas e sintetizadores. E, em meio à existência de “fogo e fé”, aponta para a alegria como guia.

As metáforas e as sonoridades vão da água salgada para a doce. No lirismo que repousa no trompete e no acordeão, *Rio* afirma a claridade do coração-luz e a leveza do voo azul do rio – no qual se “apaga o frio”, numa imagem de beleza sinestésica que diz muito do disco.




Construída inteiramente sobre versos-perguntas, *O que virá?* sintetiza o tal estado de suspensão que marca o álbum. O trompete voa solto sobre o pulso marcado das programações eletrônicas, numa letra que se angustia pela indefinição do depois.





Por fim, nas Canções do vão, a gravidade ganha força. *Não saia* é súplica reta, exposta já no título. Os seus versos diretos, afinados ao ar de sofisticação pop do arranjo, usam imagens simples, mas que alcançam fundo, como em “Se quiser apague a luz/Mas não me deixe nessa escuridão”.

Cafuné dribla expectativas, com o seu título que faz pensar num xote buliçoso, mas na verdade é canção tensa, como expõe a sua bateria ora marcial, ora errática. A linda declaração “Te levo a pé até o fim da minha vida” é temperada pela rima com “dor dessa ferida”. O vão, enfim.



O disco chega ao fim, *Caos*. Mesmo aí, porém, em meio ao apocalipse, à destruição total, ele insiste em não se entregar à queda – tampouco a realizar plenamente seu anseio de voo. Depois do cenário agonizante que se pinta no início da faixa, com falas ecoando sob a guitarra, a canção se sereniza – mas não totalmente – e promete: “Eu vou atravessar o caos contigo”. As frases do trompete emolduram a promessa.

“O mundo desabou”, constata os versos. Porém, as últimas palavras do disco identificam “a vida que restou”. Entre o desabamento do mundo e a vida que resiste, a poesia do álbum paira, suspensa – refletindo, assim, a grandeza da existência humana, essa que também se dá suspensa entre o céu e o chão.



Leonardo Lichote é jornalista e crítico de arte.



TRICICLO: ARTE MÓVEL PARA PASSEIO

© André Amahro, 2023

Coordenação editorial **Luciana Barreto**
Projeto gráfico e diagramação **Maíra Amaro**
Capa **Maíra Amaro**
Revisão **Luciana Barreto** e **Gabriela Artemis**

AUDIOCONTOS

Bonsai e o sentido da vida

Narração **André Amahro** Atores **André Amahro** (Bonsai), **Bruno Palzatto** (Ikedhawa) e **Val Monteiro** (Dulcineia) Trilha sonora **Tomaz Vital**

Apollinaire e a vastidão da vida

Narração **André Amahro** Atores **Pedro Ribeiro** (Apollinaire e jovem da barbearia), **André Amahro** (Seu Tenor), **Daniel Bezerra** (Seu Tenor), **Vanessa Di Farias** (moça da hamburgueria e Dulcineia) e **Josuel Junior** (porteiro)
Trilha sonora **Fernanda Cabral**

Simplício e a matemática da vida

Narração **André Amahro** Atores **Josuel Junior** (Simplício), **Pedro Ribeiro** (rapaz da praia) e **Vanessa Di Farias** (moça da praia) Trilha sonora **Dan Maia**

AUDIODESCRIÇÃO [FOTOS]

Texto **André Amahro** Voz **Fernanda Cabral**

TRICICLO – O DISCO

Produção Musical **Fernanda Cabral**
Mixagem e Masterização **Alan Pinho** (Refinaria Estúdios)
Gravado em Brasília [DF] por:
Fernanda Cabral no **Studio Sereia**
Lucas Trigueiro no **Sultana Records**
Alan Pinho no **Refinaria Estúdios**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Amahro, André

Triciclo: arte móvel para passeio / André Amahro.
2ª ed. -- Brasília, DF: Ed. do Autor, 2023.

ISBN 978-65-00-87195-1

1. Fotografias 2. Literatura brasileira 3. Música I. Título.

23-182248

CDD-701.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte e literatura 701.1

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Agradecimentos

Alan Pinho, Ana Maria Lopes, Anabeli Pajuelo, André Uesato, Bruno Palzatto, Cassia Janeiro, Climério Ferreira, Daniel Menezes, Editorial Maria Cobogó, Fernanda Cabral, Frank Herbozo, Josuel Junior, Leonardo Lichote, Lucas Trigueiro, Paulo César Marques, Pecê Sanvaz, Renata Azambuja, Sacha Amback, Sônia Bonna, Val Monteiro e Vanessa Di Farias.

